

# A falta da “praia” no Planalto Central

Walter Sotomayor  
de Brasília

“O problema que Brasília não tem praia” é uma frase ouvida com frequência como uma expressão da saudade dos imigrantes do litoral, mas que muitos interpretam como expressão da inexistência de espaços de socialização. No relatório do Plano Piloto com que o urbanista Lúcio Costa explicou seu projeto para uma nova capital, a plataforma da rodoviária seria um espaço de convivência social. Ali ele imaginou um sofisticado ponto de encontro da cidade, “mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées”.

Se o modelo de socialização foram os centros de convivência de Londres, Nova York e Paris, a hierarquização geográfica da capital,

deixou a intersecção dos eixos para as pessoas de menos recursos que precisam do transporte coletivo.

“Não conheço nenhuma cidade onde a estratificação tem a dimensão geográfica de Brasília”, disse o sociólogo Roberto Moreira, da Universidade de Brasília.

A capital sonhada por Lúcio Costa era para ser “cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além do centro do governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do País”.

Moreira atribui a atual situação ao crescimento desordenado da cidade nas duas últimas décadas. “Brasília foi a expressão de um momento do orgulho nacional, durante o regime militar virou o símbolo da repressão e hoje símbolo da corrupção”, constata o sociólogo.